

LEITURA DE POESIA E FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: A PRODUÇÃO POÉTICA DE CORA CORALINA EM SALA DE AULA

Poetry reading and literary reader training in basic education: Cora Coralina's poetic production in the classroom

Edina Faria de Almeida

Mestranda em Ensino na Educação Básica, pelo Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO. Professora de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II, CEPMG-Unidade João Augusto Perillo, Regional da Cidade de Goiás – GO. E-mail: edinafariaalmeida@hotmail.com.

Revista Educação em Contexto

Secretaria de Estado da Educação

de Goiás - SEDUC-GO

ISSN 2764-8982

Periodicidade: Semestral.

v. 2 n. 1, 2023.

educacaoemcontexto@seduc.go.gov.br

Recebido em: 14/10/22

Aprovado em: 16/01/23

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8014466>

Resumo

Este artigo consiste em investigar o processo de formação do leitor de poesia na escola e como se constitui a relação leitor, texto e autor, com ênfase especial no jovem adolescente leitor da poesia da escritora Cora Coralina. O corpus de análise é composto pelo livro Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais, pelo conjunto da obra da poeta e pelos dados amostrais obtidos a partir da intervenção pedagógico-metodológica feita em uma turma de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de Goiás. Objetivou-se investigar como a leitura da poesia de Cora Coralina, sob a perspectiva da memória e da identidade, pode contribuir para a formação leitora do jovem aluno dos anos finais do ensino fundamental e despertar nele o gosto pela poesia. O estudo teve como fundamento teórico, entre outros autores, Candido (2004), Rouxel, Langlade e Rezende (2013), Zilberman e Magalhães (1987), Cosson (2019), Todorov (2010), Jouve (2012) e Andruetto (2017). Para a consecução do objetivo proposto, realizou-se a pesquisa bibliográfica e a pesquisa-ação com intervenção pedagógica. A mediação direta com o jovem estudante e leitor visou, como resultado, a produção de um documentário intitulado Cora Coralina: entre poemas e memórias, que buscou mesclar as linguagens acadêmica, pedagógica e poética, com vistas a evidenciar a composição dos poemas e vivências de Cora Coralina na criação e na perspectiva subjetiva do aluno em meio a lugares poetizados da cidade de Goiás.

Palavras - chave: Ensino. Literatura. Leitura de poesia. Formação de leitor.

Abstract

This paper aims at investigation of the process of formation of the poetry reader at school and how the reader, text and author relationship is constituted, with special emphasis on the young adolescent reader of the poetry written by Cora Coralina. The corpus of analysis is composed of the book Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais, a compilation of the poet's work and the sample data obtained from the pedagogical-methodological intervention carried out in a group of students from the 8th year of Elementary School of a public school in the city of Goiás, Brazil. The objective was to investigate how the reading of Cora Coralina's poetry, from the perspective of memory and identity, can contribute to the reading formation of young students in the final years of elementary school and awaken in them a taste for poetry. The study was based on, among other authors, Candido (2004), Rouxel, Langlade e Rezende (2013), Zilberman and Magalhães (1987), Cosson (2019), Todorov (2010), Jouve (2012) and Andruetto (2017). In order to achieve the proposed objective, bibliographic research and action research with pedagogical intervention were carried out. The direct mediation with the young student and reader aimed, as a result, at the production of a documentary entitled Cora Coralina: between poems and memories, which sought to mix academic, pedagogical and poetic languages, with a view to highlighting the composition of the poems and experiences of Cora Coralina in creation and in the subjective perspective of the student in the midst of poetized places in the city of Goiás.

Keywords: Teaching. Literature. Poetry reading. Reader training.

*Cada palavra uma folha no lugar certo.
Uma flor de vez em quando no ramo aberto.
Um pássaro parecia pousado e perto.
Mas não: que ia e vinha o verso pelo universo.*

Cecília Meireles

INTRODUÇÃO

A literatura, como apontado por Candido (2004, p. 174), “aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação”. Por isso, a preocupação acerca da inserção da literatura na formação dos jovens leitores, em específico no ensino fundamental. Em comunhão com Candido, Bachelard (1978, p. 188), ao analisar a importância do gênero poesia, considera:

Assim a imagem que a leitura do poema nos oferece faz-se verdadeiramente nossa. Enraíza-se em nós mesmos. Recebemo-la, mas nascemos para a impressão de que poderíamos criá-la, de que deveríamos criá-la. A imagem se transforma num ser novo de nossa linguagem, exprime-nos fazendo-nos o que ela exprime, ou seja, ela é ao mesmo tempo um dever de expressão e um dever de nosso ser. No caso, ela é a expressão criada do ser.

Então, este artigo pretende mostrar a relevância de se trabalhar com poesia na sala de aula com ênfase na relação leitor, texto e autor, destacando o leitor – sujeito em formação. Pensar na importância da leitura, numa sociedade em constante transformação, principalmente com o avanço tecnológico invadindo e ocupando todos os seus setores, é um desafio para o professor.

Segundo pontua Vicent Jouve, “a leitura se apresenta como parte interessada de uma cultura. Recebido fora de seu contexto de origem, o livro se abre para uma pluralidade de interpretações: cada leitor novo traz consigo sua experiência, sua cultura e os valores de sua época” (JOUVE, 2002, p. 24). Então, é válido ressaltar que o leitor diante do texto desempenha o papel de co-autor, sendo a fusão de seus conhecimentos internos com a nova possibilidade de leitura.

Para tanto, explicitar para o leitor a temática da obra *Poema dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, de Cora Coralina (2014), para que se faça correlação de que a leitura é inerente à vida humana, como também ressalta Jouve: “a leitura é, portanto, ao mesmo tempo, uma experiência de libertação (“desengaja-se” da realidade) e de preenchimento (suscita-se, imaginariamente, a partir dos signos do texto, um universo marcado por seu próprio imaginário)” (JOUVE, 2002, p. 107). Aqui, então, se fundamenta a necessidade de realçar o trabalho de leitura nas escolas de educação básica, quando os adolescentes, que trazem em si várias interrogações, demonstram o interesse pelo percurso traçado pelo texto poético, confrontando-o com situações inéditas que poderão modificar seu olhar sobre coisas e lugares.

Se anuirmos que uma obra literária é sempre inacabada e que sua completude advém da presença do leitor, perceberemos que este lhe empresta elementos de seu universo pessoal, formando uma conexão entre texto, autor e leitor. Para Bartolomeu Campos Queirós,

a escola não percebe que a literatura exige do leitor uma mudança, uma transferência movida pela emoção. Não importa o que o autor diz mas o que o leitor ultrapassa. E a literatura é feita de palavras, e é necessário um projeto de educação capaz de despertar o sujeito para o encanto das palavras (QUEIRÓS, 2012, p. 160).

Isso reforça a importância de se levar a poesia para a sala de aula. No caso desta pesquisa, a poesia que se propõe é a de uma poeta – Cora Coralina – que ocupa o imaginário dos jovens alunos como a “poeta da cidade”, aquela que projeta a cidade de Goiás para o cenário da cultura nacional. Em *Minha cidade*, por exemplo, a poeta Cora Coralina aponta para uma imbricação entre poesia, memória e identificação com as próprias raízes, numa personificação poética.

Eu sou a dureza desses morros,
revestidos,
enflorados,
lascados a machado.
lanhados, lacerados,
Queimados pelo fogo.
Pastados.
Calcinados
e renascidos.
Minha vida,
meus sentidos,
minha estética,
todas as vibrações
de minha sensibilidade de mulher,
têm, aqui, suas raízes.

Eu sou a menina feia
da ponte da Lapa.
Eu sou Aninha. (CORALINA, 2014, p. 36).

Como vimos, a ênfase principal deste artigo está na mediação da leitura literária e, em específico, na leitura de poesia na escola. A partir desse enfoque, há algumas perguntas a serem analisadas: De que forma a leitura da poesia de Cora Coralina em uma turma de oitavo ano do ensino fundamental pode contribuir para a formação do leitor de poesia na escola? Em que medida ler uma poeta, cujo

cenário poético seja familiar e próximo dos alunos, pode contribuir para uma identificação entre texto, autor e leitor?

Estudos realizados acerca da leitura da poesia e formação do leitor demonstram que a compreensão do leitor, nesse universo de linguagens, remonta ao entendimento de que o texto literário é a figura do homem em si e “é resultado de práticas sociais, portanto, práticas históricas” (SILVA; COSTA, 2012, p. 32).

Segundo Rouxel, Langlade e Rezende (2013, p. 208), “a identidade do leitor é desconstruída e reconstruída a cada leitura e, no entanto, ela é, da parte do leitor, objeto de uma busca infinita”. A escolha dessa autora e de seus poemas como possibilidade de formação do leitor e o papel significativo que a poesia representa nesse processo se deram devido à própria identificação da autora com seus poemas. É difícil separar Cora-mulher e Cora Coralina escritora – é uma construção interna e constante. Essa identificação é um aspecto importante na formação do adolescente-leitor: encontrar-se no texto.

Este artigo tem como objetivo geral investigar como o diálogo entre o leitor, a poesia e o autor pode contribuir para o processo de formação do leitor literário na Educação Básica por meio da leitura da obra *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, de Cora Coralina.

Dentro dessa proposta, os objetivos centram-se, especificamente, em investigar a possibilidade metodológica da leitura de poemas que instigue a relação leitor-poesia; conhecer e apreciar os textos poéticos de Cora Coralina; descobrir, na leitura dos poemas, o ritmo e a entonação sonora adequada; contextualizar os poemas *Dos Becos de Goiás e Estórias Mais* à realidade do aluno, com maior enfoque na memória e identidade; finalmente, relatar a experiência desenvolvida em sala de aula e analisar os resultados obtidos durante a pesquisa.

DESENVOLVIMENTO

Aspectos metodológicos do estudo

Então, este artigo pretende mostrar a relevância de se trabalhar com poesia na sala de aula com ênfase na relação leitor, texto e autor, destacando o leitor – sujeito em formação. Pensar na importância da leitura, numa sociedade em constante transformação, principalmente com o avanço tecnológico invadindo e ocupando todos os seus setores, é um desafio para o professor.

A literatura nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo.

Todorov

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa-ação, de cunho qualitativo, com a intervenção da leitura dos poemas de Cora Coralina em turmas de alunos do oitavo ano do ensino fundamental. Conforme ressalta Cosson (2019, p. 120), “o ensino de literatura passa a ser o processo de formação de leitor capaz de dialogar no tempo e no espaço com sua cultura, identificando, adaptando ou construindo um lugar para si mesmo”.

Na esteira de David Tripp (2005, p. 445-446) sobre a utilização da pesquisa-ação na condição de uma investigação autorreflexiva, temos:

É importante que se reconheça a pesquisa-ação como um dos inúmeros tipos de investigação-ação, que é um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação.

Na pesquisa-ação, mediada por uma visão reconstrutiva, a concepção das atividades pedagógicas e educacionais não é vista como transmissão ou aplicação de informação. A concepção possui uma dimensão conscientizadora. Na investigação associada ao processo de reconstrução, elementos de tomada de consciência são levados em consideração nas próprias situações investigadas, em particular entre os professores e na relação professores/alunos (THIOLLENT, 2011, p. 86).

Assim, a pesquisa-ação, de acordo com o autor, é uma estratégia metodológica da pesquisa social com aspectos específicos, como:

- a. há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada;
- b. desta interação resulta a ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ação concreta;
- c. o objeto de investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontrados nesta situação;
- d. o objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada;
- e. há, durante o processo, acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos atores da situação;
- f. a pesquisa não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo): pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o “nível de consciência” das pessoas e grupos considerados (THIOLLENT, 2011, p. 23).

Ao levarmos algum tipo de investigação problematizada para a sala de aula, ofertamos aos estudantes a oportunidade de desenvolver habilidades e competências do fazer e pensar, como se propõe neste trabalho com a leitura da poesia de Cora Coralina.

As atividades consistem na leitura do *corpus* de trabalho – a obra *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, de Cora Coralina –, atividades em sala de aula.

O lócus da pesquisa é o CEPMG – João Augusto Perillo, uma escola pública estadual da cidade de Goiás, localizada à rua Marechal Abrandes, s/n. Trata-se de uma escola militar, com nove anos de funcionamento. Os participantes da pesquisa foram 35 adolescentes de uma turma de oitavo ano do ensino fundamental, com idade entre 12 e 14 anos.

O projeto de pesquisa se desenvolveu durante um trimestre, a começar com aulas semanais, enfocando a leitura literária e as experiências dos adolescentes com os textos, já direcionados à leitura do livro literário. Para tanto, o trabalho percorreu vários poemas, oportunizando ao leitor se identificar com algum texto para posterior trabalho mais subjetivo.

É importante esclarecer que, nas criações poéticas, serão utilizadas letras maiúsculas para fazer referência aos participantes da pesquisa.

Algumas considerações teóricas sobre o processo de leitura e a formação do leitor na escola

É relevante abordar que a leitura, o leitor literário e a poesia na escola, pressupondo que a literatura amplia o conhecimento do homem, sua relação consigo mesmo e com o mundo e sua relação com os outros. E que o acesso à literatura através da escola é um componente essencial para a formação do leitor literário, segundo Candido (2004), Cosson (2019) e Rouxel, Langlade e Rezende (2013), com reflexões acerca da formação do leitor literário na educação básica, sustentadas, sobretudo, por Todorov (2010), Zilberman e Magalhães (1987) e Andruetto (2017).

É importante ver a poesia como aporte para o jovem leitor ler para melhor perguntar e melhor se entender. Nesse sentido, para Andruetto (2017, p. 9): “A

literatura deve exigir de si mesma, sem concessões, ir de encontro aos lugares comuns, ser o contrário do que dela se espera e, ainda, não dar respostas, mas gerar perguntas”.

Na contemporaneidade, com a urgência de trabalhar, em sala de aula, com novos gêneros textuais que atendam à demanda de uma sociedade digital, como *hipertexto*, *e-mails*, *blogs*, *sites*, *homepages...*, o trabalho com a leitura literária na escola passou a ser um exercício de reinvenção, tomando de empréstimo o termo de Cecília Meireles (2002). E é preciso também reinventar, com criatividade, entusiasmo e significação, a leitura literária na escola; reinventar para contribuir para a construção da subjetividade do aluno como leitor. Isso demanda uma mediação eficaz e persistente por parte da equipe escolar e, especialmente, do professor.

Nesse sentido, a relação mútua entre escritor e leitor é necessária, pois dessa comunhão surge a possibilidade da reapropriação parcial, que, segundo Jouve (2012), o leitor (aluno) faz do texto, evidenciando o retorno a si provocado pela leitura. Pensamento similar ao de Sartre (2015):

Portanto, em que medida a passagem ao conhecimento objetivo se faz por meio da subjetividade, sendo a subjetividade simplesmente o nosso próprio ser, isto é, a nossa obrigação de ter-de-ser nosso ser, e não apenas de sê-lo passivamente. O verdadeiro problema está de fato em saber como, em um conhecimento objetivo do real, nós nos superamos para ter, nós que existimos subjetivamente, uma relação com a realidade. Conhecer-se é modificar-se e, sobretudo, passar de um estatuto para outro (SARTRE, 2015, p. 64-65).

Nesse contexto, Andruetto (2017, p. 127) retoma a importância do mediador: “o professor é uma ponte indispensável, pois um bom mestre transmite, além de conhecimentos específicos, um modo de estar no

mundo, uma concepção de vida, e pode deixar uma marca profunda, pode deixar o seu sinal: ensinar, em seu sentido mais essencial”. Além disso, Rouxel, Langlade e Rezende (2013, p. 207) ainda enfatizam que a identidade do leitor é desconstruída e reconstruída a cada leitura e, no entanto, ela é, da parte do leitor, objeto de uma busca infinita.

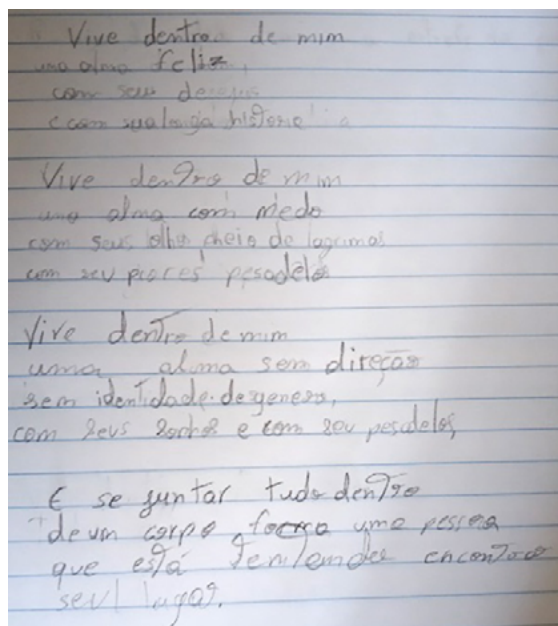
Por isso, a leitura de poemas na escola precisa ocupar lugar de destaque e está aí um desafio ao professor mediador, já que esse jovem se apropria de leituras virtuais de interesse imediato. É necessário despertar o aluno para o livro – a leitura literária – mesmo como um caminho paralelo às diversas leituras feitas por ele. Petit (2013) ressalta quão importante é o livro na formação do jovem aluno:

Na adolescência ou na juventude – e durante toda a vida – os livros também são os companheiros que consolam e às vezes neles encontramos palavras que nos permitem expressar o que temos de mais secreto, de mais íntimo. Pois a dificuldade para encontrar um lugar neste mundo não é somente econômica, mas também afetiva, social, sexual e existencial (PETIT, 2013, p. 74).

Reflexões sobre a experiência de leitura literária na escola pública: a poesia de Cora Coralina em foco

É oportuno, nesse momento, apresentar os textos *Em busca de encontrar seu lugar*, de A. L. P. S. e *Eu mesma*, de B. L. N. S., exercício de criação poética dos jovens leitores participantes dessa pesquisa, em intertextualidade com poemas de Cora Coralina, que expressam muito da subjetividade das autoras e parecem verdadeiro grito de socorro existencial e de busca da identidade. Para além de todo o aspecto humanizador fica evidente que a leitura e a escrita têm também esta função: libertar. Como diz Bartolomeu Campos Queirós (2012, p. 73), a literatura abre porta, mas a paisagem está aninhada no

coração do leitor. “A imaginação é privilégio de todos os indivíduos. Insisto em construir um texto capaz de possibilitar aos jovens a conquista de maiores alturas. Quero um texto que tenha ressonância, capaz de provocar ecos, ir além da linha do horizonte”. Em alguma medida, a leitura da poesia de Cora Coralina, proposta nessa pesquisa, provocou ecos nos participantes como comprovam as produções a seguir expostas:



Em busca de encontrar seu lugar

Vive dentro de mim
Uma alma feliz
Com seus desejos
E com sua longa história.

Vive dentro de mim
Uma alma com medo
Com seus olhos cheios de lágrimas
Com seus piores pesadelos.

Vive dentro de mim
Uma alma sem direção
Sem identidade de gênero
Com seus sonhos e com seus pesadelos.

E se juntar tudo dentro de um corpo
Temos uma pessoa
Que está tentando encontrar seu lugar
A. L. P. S.

Figura 1 – Criação poética de participantes da pesquisa
Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

A necessidade de transcrever a produção no original advém do fato de ser a primeira produção da aluna, que se identificou muito com o trabalho literário e cujo texto a retrata de maneira profunda. É uma estudante introspectiva, que se esconde em seu mundo interior, e com grande capacidade de produção escrita. É possível vê-la na imagem traçada no poema. Para Bachelard (1978, p. 243), “toda grande imagem é reveladora de um estado de alma”. Nesse escopo, é importante ressaltar que cada leitor recebe o mesmo texto de maneira diferente, como afirma Jouve (2002, p. 61): “a leitura, de fato, longe de ser uma recepção passiva, apresenta-se como uma interação produtiva entre o texto e o leitor”.

Em *Eu mesma*, a voz lírica da aluna é corajosa, grita contra essa sociedade preconceituosa:

Eu mesma

Vive dentro de mim uma pequena criança,
daquelas que não gostam de rosa, porque é “diferente”
das outras
- Dane-se o patriarcado!
Que não sonham com príncipe,
Muito menos com filhos...
Daquelas que “ninguém a entende”
e que está sempre brava por isso.

Vive dentro de mim a “adolescente rebelde”
Que está sempre a reclamar de tudo.
A “egoísta”, “chata”, “nojenta”...
Vê tudo de forma pessimista.
E não sossega nunca!
Vive dentro de mim a pequena artesã empreendedora,
Massa de E.V.A.
Biscuit caseiro.
Corantes e tintas.
Mesinha “bagunçada”,
Mas uma bagunça até que bonita...

Com cheirinho, gostinho de “eu amo fazer isto”
Produtos bem feitos...
Cheio de amor e carinho!
Tão lindinhos aos meus olhos.
Mãe de todos eles.

Vive dentro de mim quem eu realmente sou,
escondida dentro de uma crosta.
Fingindo ser quem não é,
por agrado público.

Vive dentro de mim a menina sem frescura,
Que não liga se o trabalho é “masculino”.
E não quer ajuda.
Apenas quer fazê-lo e se sentir suficiente.
Menina que comemora sozinha cada vitória
E que se entristece a cada derrota.
Sempre sozinha,
Pois estão sempre exigindo cada vez mais dela.
Sem ver tudo o que passa...
Cada lágrima.
Gritos e surtos internos.
E não pede ajuda,
pois não quer ser mais um fardo.

Vive dentro de mim eu mesma
passando por uma de suas piores fases.

B. L. N. S.

Encontrar um lugar neste mundo é importante para todos, principalmente para o jovem, e o diálogo com a poesia traz, muitas vezes, as dificuldades e os anseios vividos pelos jovens implícitos em seus versos. É preciso que o jovem compreenda que a constituição do texto poético condensa o imaginário com a realidade, numa fusão que leva os leitores a serem observadores de si mesmos. O aluno perceberá que o poema vai além do texto, que significa, entre outras coisas, novas relações, que é salutar dei-

xar que a poesia invade os seus recônditos mais íntimos, para poder compreender melhor o mundo que o cerca. A literatura é uma arte que pode ser vista como atividade humana que transforma o mundo, desperta um novo jeito de olhar as peculiaridades da relação do homem com o mundo assim como os modos de ser do homem no mundo - a poesia traz implícita essa capacidade de despertar algo adormecido, conforme Andruetto:

Quanto a mim, gostaria de chegar ao coração de quem me lê, levá-lo a sentir e a pensar, porque, contra o puro entretenimento e o adormecimento da consciência, a literatura nos propõe uma das mais profundas imersões em nós mesmos e na sociedade da qual somos parte. A escrita se dirige à sociedade da qual viemos porque se constrói com um bem social e se alimenta dos relatos que essa sociedade gera (ANDRUETTO, 2017, p. 16).

A poesia é um jeito peculiar de viver o mundo. O poema, além de proporcionar ao leitor maior capacidade de leitura, de perguntar e melhor se entender, é uma comunicação, por meio dos sentidos, com os acontecimentos que nos circundam. Nessa época de constante transformação, de tanta fragmentação e imediatismos a toda prova, viver o estado poético é um meio de resistência, é uma luta ininterrupta contra a sociedade em que a subjetividade está em processo de mecanização e coisificação, que destrói a essência do ser humano. Zilberman (1988) ressalta que é exatamente como espaço de resistência, como libertação de dogmatismos, que a presença dos textos literários pode ser fecunda numa prática escolar que não se queira autoritária. Para isso, continua, torna-se fundamental que o professor não dilua a ambiguidade e a abertura do texto na obrigatoriedade de certas atitudes a serem manifestadas a propósito dele, o texto.

A poesia como gênero torna plausível ao aluno encontrar consigo mesmo e com o outro. Os professores precisam se conscientizar de que trabalhar com o gênero poema é uma possibilidade de desenvolver a sensibilidade poética no jovem aluno. Andruetto (2017, p. 86) acrescenta que o leitor é como um detetive que fareja entre as frases, nos interstícios entre uma palavra e outra, retirando camadas e camadas, em busca de um certo grau de revelação, para que apareça o que está ali, mas escondido, reconstruindo o edifício que é a obra. E, segundo Paz (1982, p. 47), a “linguagem que sustenta o poema possui duas características: é viva e comum. Isto é, usada por um grupo de homens para comunicar e perpetuar suas experiências, paixões, esperanças e crenças”.

Entretanto, para o professor desenvolver um trabalho construtivo com o gênero poema é preciso acreditar que a poesia é essencial à vida. E que, como diz Antonio Candido,

a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza (CANDIDO, 2004, p. 186).

Se o acesso a ela é uma necessidade universal, só isso já fundamenta um motivo de se trabalhar com poemas em sala de aula com os jovens leitores. Se depois o jovem aluno irá se tornar um leitor de poesia não podemos determinar, mas, como educadores, temos o dever de levá-lo a ter contato com textos poéticos. A poesia consegue amainar os anseios e as dúvidas do jovem leitor, tão intensa nessa fase da vida. Nesse sentido, Osakabe (2008, p. 44) enfatiza que “a arte é a única das produções humanas capaz de aproximar o homem dele mesmo”. Essa aproximação de si próprio já fermenta a necessidade de trabalhar a poesia com os adolescentes na escola.

Nesse panorama, vejamos então poemas e fragmentos das percepções descritas pelos participantes, com ênfase em memórias, identidades: como se vê e também como se percebe como morador de uma cidade histórica, cheia de história e poesia.

Várias vidas em uma só

Há várias versões de mim
Muitas partes de uma só
Vários sentidos em uma única pessoa
Traços da formação de alguém.

Eu sou a menina sorridente
Calma,
Sensível,
Flexível.

Eu sou a força do meu pai
A determinação de minha mãe
O carinho de meu irmão
O cuidado dos meus avós.

Sou muitas vidas
Todas as vidas em minha vida
E minha vida em todas as vidas
Eu sou uma em várias vidas.

De todas as outras
Eu sou a presente
No cheiro da serra
Sozinha e protetora
Cheia de marcas
Cicatrizes e memórias.

Eu sou as ruas de pedras
Valorizadas e esquecidas

Trago em minha pele
O saber e o falar.

Eu sou o cheiro e o sabor
Do pequi colhido na época
Certamente, também sou
A música e o canto das araras.

H. K. R. S.

O poema *Várias vidas em uma só*, de A.E. de F. possui um tom ancestral. O eu lírico é enfático em sua formação, que vem de traços de outras vidas, como nas duas últimas estrofes e em destaque no último verso: “Eu sou uma em várias vidas”, que fundamenta quem se é: parte das vidas de sua família. É possível perceber que a aluna trabalhou seu poema tendo como referência *Todas as vidas*, de Cora Coralina. É uma adolescente com maturidade leitora e que consegue se colocar no texto também em formação. A estudante H.K.R.S. também conseguiu se esboçar no poema, usando o tempo presente e recorrendo a elementos da natureza e da cidade onde mora – um artifício muito usado pela poeta em estudo.

A proposta de produção sintetiza o autoconhecimento e a capacidade de criação artística. A esse respeito, Andruetto aponta em seu artigo *Em busca de uma língua ainda não ouvida*, “literatura e construção de leitores são duas faces da mesma moeda, cuja dialética alimenta e sustenta o desenvolvimento subjetivo de um povo”. Isso é possível perceber nas produções supracitadas (ANDRUETTO, 2017, p. 41).

Nessa atividade de produção, a subjetividade dos leitores ficou evidenciada em vários textos. No poema *Quem sou?*, o eu lírico está em busca incessante do seu próprio mundo interior. Começa se colocando como a nossa poetisa Cora Coralina em suas produções: “Eu sou a curiosa destes morros/ as casas que cochicham/ os becos que se encon-

tram...”; não se esquece de dar vozes àqueles que a sociedade insiste em não enxergar: “Nos becos que se encontram estão/ Todas as gentes desse mundo/ As mulheres abusadas/As crianças órfãs e desamparadas/Os idosos abandonados à própria sorte/ Os loucos e deficientes excluídos pela normalidade...”. Segue o poema,

Quem sou eu?

Eu sou a cacheada destas ruas de pedra
Eu sou a curiosa destes morros
As casas que cochicham
Os becos que se encontram.

Em meus cachos vivem
As águas que correm sob a ponte
O vento que balança as árvores
Os pássaros que cantam ao fim da tarde.

Nas curvas dos meus morros estão
Os índios Goyazes sacrificados pelo ouro
Os escravos trabalhadores forçados
E as vidas exploradas
que se tornaram histórias de forças e resistências.

Nos becos que se encontram estão
Todas as gentes desse mundo
As mulheres abusadas
As crianças órfãs e desamparadas
Os idosos abandonados à própria sorte
Os loucos e deficientes excluídos pela normalidade.

Mas nas casas que cochicham
Há reza e oração
Há esperança e identidade
Todos se tornam um
E se mantém de pé diante da vida.

C. O. S.

A literatura é imprescindível na vida do adolescente, segundo Andruetto (2017, p. 88). Por isso, a escola precisa garantir a presença de determinados livros e ajudar a sua leitura no contexto, reconhecê-los como introduzidos numa tradição, imersos num sistema literário, no marco de uma cultura e de uma língua. Em *Vidas*, de M.S.F.O., e *Goiás, minha cidade*, de L. L. F. D., as estudantes valorizaram as gerações passadas, colecionaram sonhos na cidade pequena em que vivem e dão vida à beleza da cidade.

Vidas

Vive dentro de mim uma garota apaixonada
por novos mundos,
uma pequena leitora que ama a fantasia
e as histórias tradicionais contadas pela avó.

Vive dentro de mim uma menina sonhadora,
que não costuma criar expectativas,
mas coleciona sonhos.

Vive dentro de mim o amor pela natureza,
pelas flores e pelo vento que vem das árvores de manhã,
pelos campos e os animais
e pelo belo pôr do sol de cada entardecer.

Vive dentro de mim a criança que ama a cidade,
que com olhos sinceros percebe
que a cidade é pequena
mas que está te vendo crescer
e por isso sempre irá guardá-la no coração.

M. S. F. O.

Goiás, minha cidade

A minha cidade é aquela das ruas de pedras
Que carrega uma história em cada esquina

Em seus escuros becos e verdes morros.
A minha cidade é aquela com coloridos ipês
Que dão cor a Serra Dourada e ao cerrado seco
Aquele em que o céu a noite brilha
Como os dourados fios de ouro nos rios.
A minha cidade é repleta de lendas e histórias admiráveis
Daqueles que sempre regressaram
Após saciarem suas sedes nas luminosas fontes da Carioca
Até os que creem na presença de uma deslumbrante
indígena
Sobre o morro.
Tenho pena daqueles que não conhecem a minha cidade
A cidade que amparou a nossa pátria
E carrega consigo muitas histórias
A minha cidade, Goiás.

L. L. F. D.

Assim, concluiu-se a leitura literária dos *Poemas dos becos de Goiás* e estórias mais com os estudantes do oitavo ano do CEPMG - Unidade João Augusto Perillo e alguns pressupostos estão hoje claros: primeiro, a leitura não pode ser desvinculada da realidade do aluno; segundo, a figura do mediador é importante na construção da ponte que liga o leitor iniciante ao texto. Segundo Jouve (2002, p. 109-110), uma das experiências mais emocionantes da leitura consiste em proferir mentalmente ideias que não são nossas; depois, a implicação do leitor no universo textual pode adquirir formas muito diferentes. Depende, em grande parte, da distância histórica que o separa da obra lida; e, quando o leitor está separado da obra por uma grande distância temporal, o mediador deve cuidar sobretudo de reconstruir a situação histórica do texto.

Assim, o trabalho do professor mediador com adolescentes inseridos numa sociedade digital é um grande desafio. A proposta de trabalho com a leitura

literária, no caso o poema, precisa sair da tradicional sala de aula e interagir com a realidade do aluno.

Andruetto (2017, p. 133) enfatiza que, no que se refere à construção de leitores, estamos tentando, como sociedade, como país, atravessar um desafio: converter em leitores os que podem comprar livros e os que não podem; os que vivem nas grandes cidades e os que vivem nos pequenos povoados, no campo, nas serras e nos montes; os que possuem uma família e os que estão sozinhos na vida; os protegidos e os abandonados e desgarrados; os que estão livres e os que estão na cadeia; os obedientes e os que brigam com a lei... Trata-se de um desafio histórico, um imperativo alimentado pela convicção de que ler, como outros direitos, é um direito de todos.

Nesse sentido, o texto poético precisa ocupar o centro das aulas de Língua Portuguesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elencamos, nesta investigação, a leitura de poesia na sala de aula a partir das constatações de Candido (2004, p. 180), “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” e “o que na literatura age como força humanizadora é a própria literatura, ou seja, a capacidade de criar formas pertinentes” (ibidem, p. 182).

Outros escritores também fomentam essa contribuição da literatura na formação do ser humano. Para Todorov (2010, p. 23), por exemplo, a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão. E, acrescenta Jouve (2012), que a leitura não é somente a ocasião de enriquecer o saber sobre o mundo; ela permite também aprofundar o saber sobre si. Inclusive o ápice da pesquisa que circunda a formação

do jovem leitor também ressalta a necessidade do trabalho com a leitura de poesia em sala de aula. O que Pilati (2018, p. 26) destaca e que é fundamental neste trabalho é que não se pode perder de vista o potencial de conhecimento humanizador propiciado pelo texto, considerado, é claro, na sua especificidade estética. Nesse contexto, o autor enfoca que tal contribuição da leitura para a descoberta ou para a construção de si não é nova, mas ganha destaque particular nestes tempos em que, bem mais do que no passado, cabe a cada um construir sua própria identidade.

Nossa pesquisa e também Andruetto (2017, p. 39) acentuam que:

Através do discurso poético, abrimos mão da linguagem objetiva, lógica, sistemática, impessoal, coerente e unívoca dos livros didático-informativos. Não por acaso, as obras didáticas costumam apresentar um discurso muito semelhante entre si, pois nelas a voz pessoal do autor praticamente desaparece. A razão é simples: esse tipo de livro pretende que todos os seus leitores cheguem à mesma e única interpretação. Para atingir tal objetivo não é possível, evidentemente, recorrer a discursos que possam resultar em múltiplas leituras.

Infelizmente, a leitura literária de poemas não faz parte de todas as listas de materiais indicadas pelas instituições de ensino, o que dificulta que todos os jovens tenham acesso a ela. Ainda para Andruetto (2017), o caminho da leitura é o da liberdade, a escola é uma igualadora social, que reduz a brecha entre as crianças que provêm de lares donde o livro está presente e de lares donde o livro está ausente. Diante de tais apontamentos, é irrefutável a necessidade de o texto poético participar ativamente das leituras literárias nas séries finais do ensino fundamental. O leitor jovem em formação busca, além do conhecimento de outros mundos, o seu mundo interior, e a literatura não é o lugar de certezas, mas da dúvida.

Assim, finalizamos, por ora, o diálogo acerca da leitura de poemas como contribuição na formação do jovem leitor. Que as análises tecidas possam despertar nos docentes do ensino fundamental que a leitura literária é um direito e uma necessidade vital. Retomando Andruetto (2017, p. 145): “desde o começo dos tempos, a literatura olha a singularidade humana, a luta de um ser humano entre o que é e o quer ou pode ser. Ela busca uma verdade que nem começa nem termina nas palavras”.

REFERÊNCIAS

ANDRUETTO, M. T. **A leitura, outra revolução**. Trad. Newton Cunha. São Paulo: Sesc, 2017.

BACHELARD, G. A poética do espaço. In: BACHELARD, G. **Os pensadores**. Tradução de Joaquim José Moura Ramos *et al.* São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 181-355.

CANDIDO, A. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul/São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. **Vários Escritos**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 235-263.

CORALINA, C. **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais**. 23. ed. São Paulo: Global, 2014.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

JOUVE, V. **Por que estudar Literatura?** Tradução Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

JOUVE, V. **A leitura**. Trad. Brigitte Hervot. São Paulo: Unesp, 2002.

MEIRELES, C. **Os melhores poemas**. Seleção: Maria Fernanda. 14. ed. São Paulo: Global, 2002.

OSAKABE, H. Poesia e indiferença. In: PAIVA, A.; MARTINS, A.; PAULINO, G.; VERSIANI, Z. (org.). **Leituras literárias: discursos transitivos**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008. p. 37-54. (Coleção Literatura e Educação).

PAZ, O. **O arco e a Lira**. Tradução Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PILATI, A. **Poesia na sala de aula: subsídios para pensar o lugar e a função da literatura em ambientes de ensino**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.

QUEIRÓS, B. C. Sobre ler, escrever e outros diálogos. In: ABREU J. (org.). **Sobre ler, escrever e outros diálogos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

ROUXEL, A.; LANGLADE, G.; REZENDE, N. L. (org.). **Leitura Subjetiva e Ensino de Literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.

SARTRE, J. P. **O que é subjetividade?** Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Fronteira, 2015.

SILVA, D. C.; COSTA, K. M. Leitura de poesia e formação do Leitor: do impresso ao digital. In: SILVA, D. C. S.; CAMARGO, G. O.; GUIMARÃES, M. S. B. (org.). **Olhar o Poema: teoria e prática do letramento poético**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2012.

THIOLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. In: **Educ. Pesqui.** [online]. 2005.

ZILBERMAN, R.; MAGALHÃES, L. C. **Literatura Infantil:** Autoritarismo e Emancipação (ensaios). São Paulo: Ática, 1987.

ZILBERMAN, R. (Org.) **Leitura em crise na escola:** as alternativas do professor. 8. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.